

# Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, primeira quinzena de agosto de 1997 - ano I, nº 7.

boletim

arte sobre *Nighthawks*, de Edward Hopper



## Roteiro de um narrador embriagado

Maria Isabel Edom Pires

*Bandoleiros* - João Gilberto Noll. Reed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, 164 pp. (1ª ed., 1985).

**B**andoleiros, de João Gilberto Noll, formula ao leitor um intrincado jogo entre fragmentos de tempo e espaço. Há o tempo presente, em Porto Alegre; o tempo lembrado, em Boston, Viamão e Porto Alegre; e o tempo imaginado, na fantasia de um cinéfilo.

Deitando por terra uma cronologia mínima, o autor já no primeiro capítulo embaralha as cartas proposadamente. A seqüência será (des)encontrada nos capítulos seguintes - desdobramentos não acabados desse roteiro inicial, escrito em estado de embriaguez. Cabe ao leitor organizá-lo.

Decifremos - só por exercício -, se é que é possível.

Primeiro plano: João, amigo do narrador, morto/morrendo de uma doença desconhecida. A música? *September song*, cantada por Willie Nelson, no melhor estilo country. O filme? Um velho filme americano. Escritor, João, que tinha "a família mais dizimada do planeta", é a personagem que estará presente no início e no fim do relato, sempre como lembrança, visto que ao início do relato já tinha morrido. Muito próximos, ele e o narrador encenam a divergência entre o otimismo e a amargura na criação literária. Ao "romance esperançoso" de João, o narrador apresentará o seu *Sol macabro*, título, aliás, escolhido no dia do enterro de João. Espécie de duplo do narrador, João representará a impossibilidade de conciliação entre opostos, interdito entre amargura e esperança. Não é à toa que, no seu regresso dos EUA, o narrador tem a estranha sensação de que João iria morrer. No aeroporto, o vidro os separa. O interdito tanto pode referir-se ao sentido da criação literária como à incapacidade que o narrador revela de relacionar-se com os outros - o interdito afetivo, outro desdobramento.

Segundo plano: o roteirista/personagem que recebe um telefonema misterioso, num momento em que se encontra cansado de viver de traduções, arrasado pelo fracasso do seu livro e pelo fim de seu relacionamento com Ada. Um "abscesso no pensamento", um mal-estar generalizado, a lembrança de João, uma necessidade louca de sair fazem com

que percorra a seqüência boteco/árvore/bar na Salgado Filho. Muitas doses de dreher virão. Um *saloon* é a ambientação desse *western* no qual o porre começa.

Já ali surge outra espécie de duplo, o poeta-suicida que promete encontrá-lo ainda naquele domingo, em algum lugar. É preciso expulsá-lo do bar. Sob efeito do álcool, o narrador irá ao Parque da Redenção para depois voltar a um bar onde uma mulher ensaia um show. Misturam-se personagens do parque e do bar. Surge a figura de Carlitos e logo, num processo associativo, o narrador já estará lembrando uma aula de história de Ada em sua casa. Aí encenará, ele próprio, o desajeitado Carlitos.

Terceiro plano: Steve. Primeiro, aparecerá em Viamão, também embriagado. Steve, seus desencantos, sua ânsia de encontrar algum sentido e sua luta contra um retrocesso psíquico manterão o narrador entre Viamão e Boston.

A partir dessa seqüência, o narrador passará a focalizar o conflito entre ambos. Referência? Hitchcock, pura psicose. Ingredientes: sombras, corpos, morte. O primeiro contato entre o narrador e Steve é narrado no antepenúltimo capítulo. Na dúvida entre exterminá-lo ou ajudá-lo, o narrador acaba realizando os dois atos pela metade. Leva-o até o chuveiro, mas no momento em que Jill se aproxima deixa-o quase afogar-se.

Quarto plano: Ada e as minimais. Referência? Um quadro acabado de três fúrias burlescas. Ada, a bandoleira-mor, a que troca de profissões, a que muda de país, a que encara outras propostas de vida em sociedade, é apresentada no transe da criação da Sociedade Minimal. Entre ela e o narrador houve um envolvimento maior, que aos poucos vai sendo destituído de sexualidade, de prazer. A aproximação entre os dois está obstruída. Há, entre eles, a sociedade minimal, o ciúme de Alicia e o total desencanto do narrador. Ada opta por uma vida numa praia em Santa Catarina, ao lado de um pescador de origem alemã.

Depois de retornar dos EUA, Ada necessitará de um atendimento especial para recuperar-se dos tempos malucos de

(continua)



BANDOLEIROS

## Roteiro embriagado

(continuação)

Boston e da fúria assassina de Alicia.

No Brasil, o narrador revelará a Ada a elaboração de *Sol macabro*. Ela lembra, então, de uma escritora irlandesa que criou um romance desagregado, que se estende a fim de evitar a morte da autora. Sugestão que o narrador adota em seu romance, "mudando" de assunto, como a irlandesa. Outra sugestão? Ada vai rever *Cidadão Kane*, paradigma da linguagem cinematográfica não-linear.

O narrador, além de espectador, é também um leitor. Com o escritor argentino Ernesto Sábato, ele estabelece um diálogo imaginário em Boston. Diálogo que a própria peregrinação do narrador já estabelece com a personagem de *O túnel*. Mais do que o diálogo, o narrador lança a reflexão sobre as tramas:

"Não, Ernesto, dissolveremos os comprimidos vestidos em longos jalecos brancos, talvez num laboratório vazio, enquanto bebemos calmamente nosso café. Nenhum olhar dramático, nada. Frios como convém a dois bons pesquisadores."

Seqüência final: morte de Steve, com direito a spot celeste; retorno às lembranças que desta vez mostram um encontro com a personagem Jill, em meio a fantasias cinematográficas e emoções vividas (?) na casa de Steve, em Boston. Nesse encontro, novamente aparece a impossibilidade de qualquer contato sexual e a completa falta de solidariedade com Steve, agonizando no chuveiro. À uma cena de um possível envolvimento com uma gringa ruiva, o narrador vai sobrepor uma cena de Psicose, a tal, do chuveiro.



Através de um roteiro sinuoso, marcado pela embriaguez, o narrador recorda os incidentes que o fizeram sair e retornar ao Brasil; que o fizeram seguir, bandoleiro, Ada nas suas errâncias, Steve na sua luta contra a desmemorização; que o fizeram encontrar o tédio no jovem poeta e a morte de qualquer esperança em João. João morreu. Morreu também o relato otimista e qualquer possibilidade de encontro. Ficaram os bandoleiros, seus desencontros, suas ereções em meio à dor, seus escarros e babas, seus esfíncteres e a peregrinação insistente em busca de um sentido qualquer. Um beijo numa ruiva em Boston? O papo de um poeta-suicida? Uma casa abandonada em Viamão? Dissolvem-se os vínculos familiares. Restam as ovelhas extraviadas.

Além da busca de um sentido para a existência, o roteiro apresentado desvela também a incorporação de outras formas de expressão, que a literatura de João Gilberto Noll não despreza. Música, pintura, literatura e, especialmente, o cinema (de 1ª ou 5ª categoria) farão parte desse relato. A influência dos *mass media* não se dá apenas através das referências explícitas, que aqui recortamos, mas também pela técnica de simultaneidade, própria da linguagem cinematográfica, que justapõe cenas de agora e de outros tempos.

*Bandoleiros* aponta para algumas tendências do romance contemporâneo tais como o relato dentro do relato (Cortázar), o estilhecimento da narrativa linear, a aproximação com outras linguagens (Puig), e para um novo posicionamento do narrador, nesse caso, embriagado, num bar da Salgado Filho, num domingo, em Porto Alegre.

**Maria Isabel Edom Pires** é professora de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília.

**As reuniões quinzenais do GT vão  
recomeçar!**

Sexta, dia 22 de agosto

## O CACHORRO E O LOBO

de Antônio Torres

O recém-lançado romance -  
continuação de *Essa terra* - será  
discutido na próxima reunião do GT.

Sexta, 22 de agosto, às 16 hs., na  
sala B1-242 (ICC Centro).

**COMPAREÇA!**

LITERATURA CONTEMPORÂNEA

## GT será curso de extensão

No segundo semestre de 1997, as reuniões do GT Literatura Brasileira Contemporânea valerão como curso de extensão. Os encontros continuarão sendo quinzenais (sempre nas sextas-feiras) e terão início no dia 22 de agosto, às 16 horas. Para se inscrever é preciso passar na secretaria do TEL. Mas quem só quiser aparecer de vez em quando também está convidado. O grupo continua aberto a todos os interessados.

A partir de agora, o GT estará lendo e discutindo obras recém lançadas, de escritores "consagrados" ou não. Na lista, estão *O cachorro e o lobo*, de Antônio Torres, programado para o primeiro encontro; *Menina a caminho*, de Raduan Nassar; *Um crime delicado*, de Sérgio San'Anna; e *Confissões de Narciso*, de Autran Dourado. O *Boletim* continuará circulando, com resenhas e críticas sobre os livros debatidos.

A indiferença do escritor é adequada à sua presumível elevação de espírito? Para defender a unidade, o nível e a pureza de um projeto criador, mesmo que seja um projeto regulado pela ambição de ampliar a área do visível, tem-se o privilégio da indiferença? Preciso ainda saber se na verdade existe a indiferença: se não é - e só isto - um disfarce da cumplicidade. Busco as respostas dentro da noite e é como se estivesse nos intestinos de um cão. A sufocação e a sujeira, por mais que procure defender-me, fazem parte de mim - de nós. Pode o espírito a tudo sobrepor-se? Posso manter-me limpo, não infeccionado, dentro das tripas do cão? Ouço: 'A indiferença reflete um acordo, tácito e dúbio, com os excrementos.' Não, não serei indiferente.

Osman Lins, *Avalovara*.

**Literatura Brasileira Contemporânea/Boletim** é um informe quinzenal do GT Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília. Correspondência para: GT Literatura Brasileira Contemporânea, A/C Profª Regina Dalcastagnè, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, CEP 70910-900 - Brasília - DF; e-mail: rdal@guarany.cpd.unb.br